

Imigrações/Migrações em Curitiba: outras histórias

MARIA IGNÊS MANCINI DE BONI*

A história do Paraná, em especial a de Curitiba tem sido marcada por diversos tipos de deslocamentos populacionais, em diferentes épocas, desde o início de sua ocupação. Foram as expedições reconhecedoras do território, as de busca de índios, de ouro e pedras preciosas, a procura de pastos e de criação, o fluxo de tropeiros, dos primeiros séculos de colonização, até as grandes correntes de imigração estrangeira a partir do século XIX, e de correntes de migrações internas no século XX.

Embora a região já fosse habitada por diversos grupos indígenas e durante o período colonial tivesse uma população esparsamente fixada, era um espaço rico por muitos considerado um vazio demográfico, que precisava ser ocupado. Esta questão foi acentuada quando, em meados do século XIX, a região se emancipou da província de São Paulo, tornando-se autônoma. Tal processo foi acompanhado pela expansão da exploração comercial da erva mate, que iniciada no litoral, transportou-se para Curitiba, alterando a paisagem com seus engenhos e suas chaminés, deslocando o eixo sócio-econômico dos fazendeiros dos Campos Gerais, para os barões do mate, da agora capital da Província. A exportação do mate favoreceu também o surgimento de uma burguesia dedicada a indústrias subsidiárias da atividade ervateira, numa atividade intensa a ponto de desabastecer a região de gêneros alimentícios.

Conjugadas as necessidades de ocupação de espaço e produção de alimentos, a imigração estrangeira foi vista como a solução natural, ressaltando-se que no Paraná não tinha como meta a obtenção de mão de obra para a grande lavoura, mas povoar a região, e, principalmente, formar uma espécie de cinturão verde no entorno da capital, com colônias agrícolas, para suprir o mercado de produtos que diminuíssem as crises de abastecimento do mercado curitibano.

Assim a região passou a atrair imigrantes de diversas etnias, inicialmente de maneira esparsa, mas depois em grandes leva, principalmente na administração de Lamenha Lins (1875/1876) que dinamizou o programa imigratório.

Para aqui vieram alemães, italianos, poloneses, em maior número; franceses, suíços e ingleses em efetivos menores, e mais tarde, já no século XX, ucranianos, holandeses e japoneses, dentre outros.

Além da presença dos imigrantes abastecendo a cidade de produtos de subsistência e hortigranjeiros, o término da construção da estrada da Graciosa e a construção da estrada de ferro ligando Curitiba ao litoral, empreendimentos aos quais se dedicaram, dinamizaram a economia local. Esses contingentes provocaram alterações no desenho urbano de Curitiba, com a criação de diversas colônias criadas especialmente para estabelecê-los, e um significativo aumento populacional, triplicando o número de habitantes em poucos anos.

Estes deslocamentos imigratórios têm sido vistos por uma corrente historiográfica quase sempre apenas em seus aspectos positivos, o que cristalizou, no imaginário cultural, a idéia de que, a partir da segunda metade do século XIX, até a primeira metade do século XX, o estado tornou-se um mosaico de diversas etnias que formaram um “Brasil Diferente”, um Paraná branco e loiro, composto por morigerados e laboriosos habitantes. Tal idéia foi intensificada pelo fato de que a imigração estrangeira reforçou a transição de deslocamentos, iniciados com o tropeirismo e marcados pela aventura, para uma ética do trabalho, tão cara à sociedade burguesa que aqui estava se estabelecendo.

No entanto, a aura de romantismo criada pelo desejo de morigeração advinda da presença de colonos estrangeiros esbarrou no realismo dos rendimentos insuficientes e dos problemas dos “contatos culturais” e de adaptação. Era segundo Nadalin, tempo de

diversificar a imigração, possibilitando e promovendo a entrada de novos grupos. Ao mesmo tempo, prepara-se o caminho para o investimento do país na colonização organizada em moldes mais racionais, com o governo promovendo a vinda de imigrantes nacionais e estrangeiros a diversas regiões não ocupadas. Mais uma vez a imigração de homens é acompanhada de imigração de capitais. Este cenário foi fundamental para que se completasse a ocupação do Paraná. (NADALIN, 2001. p 85)

A partir do início do século XX, embora a imigração estrangeira continuasse a chegar ao Paraná, com menor intensidade, formando diversas colônias no interior do estado, os deslocamentos mais significativos constituíram-se de migrações rumo a regiões ainda não colonizadas.

A região norte, pelas suas terras férteis, atraiu, ainda no final do século XIX, fazendeiros paulistas e mineiros que de forma espontânea e desordenadamente estenderam suas fazendas de café, pelo chamado Norte Velho, formando rapidamente diversos núcleos urbanos. Esta etapa foi substituída por movimentos de ocupação organizados e planejados de forma mais racional, cujo maior exemplo foi o da Companhia de Terras Norte do Paraná, de origem inglesa, nacionalizada durante a Segunda Guerra, que comprou enorme extensão de terras ao governo do estado, na zona que passou a ser denominada Norte Novo. A Companhia colonizou estas terras em forma de pequenas propriedades, propiciando a vinda de colonos não somente nacionais, mineiros, paulistas, nordestinos, como estrangeiros, vindos diretamente ou reimigrados, planificou e edificou diversas cidades, como Londrina e Maringá. Este modelo foi posteriormente seguido pelo próprio governo, completando a ocupação norte/noroeste.

A propaganda da companhia inglesa, a venda de terras em pagamentos parcelados, a fertilidade da terra, transformou esse espaço em enorme zona de acolha. De acordo com Padis “constava que por volta de 1945, já existiam, na região, pessoas de trinta nacionalidades diferentes sendo 12,5 por cento italianos, 7 por cento japoneses, 6 por cento alemães, além de 42 por cento entre paulistas e mineiros”.(PADIS,1981.p 93)

Na região oeste/sudoeste a ocupação inicial foi feita por agricultores, peões e agregados á procura de terras para subsistência, posseiros da região do Contestado, foragidos da justiça, argentinos e paraguaios coletores de erva-mate, (WACHOWICZ,1985.p 68). E até a segunda década do século XX, companhias concessionárias exploravam o mate e a madeira, arrasando os ervais e derrubando pinheiros e madeira de lei sem a preocupação de ocupar e colonizar a área, depredando e explorando a mão de obra local. A situação começou a mudar quando, a partir de 1930, concessões de terra foram canceladas, e concedida a permissão à Industrial Madeireira e Colonizadora Rio Paraná S.A.mais conhecida como MARIPÁ, para colonizar o espaço concessionado, bem a oeste do estado. Esta companhia, embora sem a propaganda e o marketing da CTNP, ofertou a colonos gaúchos e catarinenses, em grande parte descendentes de alemães e italianos, a oportunidade de adquirirem terras a baixo custo e pagamentos convidativos. Oficialmente foi fundada a CANGO, Colônia

Nacional General Osório, de assentamento de colonos pelo governo federal, preocupado com a ocupação de fronteiras do país, na “Marcha para o Oeste,(BALHANA et al,1969.p 236)

Apesar do cuidado da MARIPÁ em não atrair aventureiros e parasitas, o estabelecimento da CANGO, sem demarcações e documentação precisas, bem como a presença de outras Companhias exploradoras, grileiros e aventureiros, impediram o desenvolvimento de um processo de transformações culturais e econômicas desta população, em especial na porção sudoeste do estado, que na década de 1950 foi palco de graves problemas de terras.

Por volta das décadas de 1960/1970, o Paraná encontrava-se (re)ocupado, na expressão de Nelson Tomazi,(2001) e com inúmeros problemas, uma vez que , diminuídas as fronteiras agrícolas , de região receptora, com uma multiplicação de pequenas propriedades, o estado passou a ponto de migração para outras regiões do país, com a redução do números de unidades agrícolas. Os problemas se configuram de diversas formas. O grande afluxo de migrantes fez com que aqueles que aqui chegaram nos anos cinquenta vissem suas possibilidades de acesso à propriedade se reduzir: o número de explorações agrícolas com recurso à parceria passou de 5% a 20%.(SWAIN, 1988. p28),e por volta da década de 1980, já se observava um aumento das grandes propriedades configurando uma “relatifundização”, se multiplicando então na região as relações de dominação que caracterizam a estrutura agrária no Brasil. (SWAIN,1988. p22).Também as mudanças na política agrícola realizadas pelo governo militar, a erradicação do café, a ênfase no plantio da soja, a mecanização da agricultura, fez com que milhares de trabalhadores perdessem seu emprego, ou até suas terras, e procurassem outros espaços de sobrevivência, dentro do próprio estado, num movimento de êxodo rural, que teve a cidade de Curitiba como destino importante, ou mesmo para outras regiões do país.

Mas como já comentado, esse afluxo de pessoas rumo ao Paraná foi visto positivamente como um laboratório racial, o” Brasil Diferente”, ou como no dizer do governador Bento Munhoz : “O Brasil marcou encontro no Paraná” ou ainda “Paraná terra de todas as gentes”, epíteto cunhado por Ney Braga.

Essa visão edulcorada não leva em conta a história de deslocamentos como reveladora de comportamentos, padrões de relações sociais, momentos de crise... que

não foram poucos. Imigrantes/migrantes foram vistos também como diferentes, desconhecidos, preocupantes . Inicialmente festejados como símbolo do trabalho liberado e do progresso, trouxeram consigo sistemas de representações e valores que frustraram expectativas sobre eles.

As grandes levas de imigrantes estrangeiros, ocasionaram para Curitiba problemas de adensamento populacional que a cidade não tinha estrutura para sanar. A população duplicou entre 1890 e 1900, passando de 24553 para 50124 habitantes, agudizando problemas urbanísticos, desde dificuldades de sobrevivência e moradia a questões de higiene e salubridade, economia precária marcada pela carestia e desemprego, onde muitas pessoas viviam na limiaridade do trabalho e do crime . Imigrantes foram acusados de trazer diversas moléstias que causaram epidemias, de terem hábitos higiênicos bizzaros, portadores de miasmas e odores, pelos médicos higienistas, de terem comportamentos religiosos arcaicos pelos anticlericalistas, e de terem comportamentos desviantes, inadequados à ordem social, que deviam ser controlados pelas autoridades policiais.(BONI,1998)

O controle aos “comportamentos inadequados à ordem social”, foi de primordial importância uma vez que eram esperados imigrantes “ morigerados e laboriosos” que logo passaram a ser representados no imaginário burguês como preguiçosos, anti-higiênicos, doentes, boêmios, desordeiros. E num segundo momento, quando já inseridos no mercado de trabalho, foram representados como grevistas ou anarquistas, lançando suas idéias subversivas.

Ao lado desse diferente, setores privilegiados da sociedade colocaram os segmentos nacionais das camadas mais pobres: libertos, trabalhadores não qualificados, migrantes ou não, desempregados cuja condição de vida foi avultada pela própria crise de urbanização, e os transformou a todos, em bêbados, vadios, atentadores aos bons costumes, incivilizados, tornando-os todos em objeto de vigilância e controle social.(BONI,1998)

Nas décadas seguintes a chegada de grandes levas de migrantes ao Paraná incorporou produtivamente as novas regiões ocupadas ao Estado.Mas a presença desta nova população, atraída pela promessa de terra fértil e fácil, novamente se contrapôs à expectativa dominante , de encontrar neste migrante apenas um trabalhador laborioso e

disciplinado, culminando as tensões concretamente em instabilidade e revoltas camponesas tanto no norte como no sudoeste do estado.(SZVARÇA;CIDADE,1989)

No início da década de 1950, as preparações para a comemoração do centenário da emancipação atraíram um movimento migratório em direção à capital, onde seria construído o “espetáculo da prosperidade” símbolo da modernidade e pujança do estado, com as construções de diversos edifícios públicos como os do Centro Cívico, praças, avenidas, teatro.

Tanto quanto o Paraná nesse período, sua capital foi invadida por uma nova população de diferentes origens e com diferentes expectativas. Com um mercado de trabalho em expansão no setor de manufaturas e construção (BALHANA et.al, 1969 p248) tornou-se também pólo atrativo de migrantes. No período a população da capital teve um aumento percentual de 98,78%, passando de 180575 habitantes em 1950 para 356830 habitantes em 1960.(IBGE, 1950/1960)

A Curitiba da década de 1950 alterou mais uma vez sua trajetória de pacata capital de província, defrontando-se com novo ritmo de vida que interferiu no seu mundo tido como conhecido e seguro.

Esse novo elemento, o migrante, passa a simbolizar os problemas decorrentes ou não dessas transformações. Nele são identificados os males da sociedade: ele é o aventureiro, o desordeiro, o subversivo, o doente, o preguiçoso... Para a população da tradicional Curitiba o trabalhador disciplinado e higienizado quase sempre esfuma-se diante da realidade.(SZVARÇA;CIDADE,1989. p194)

Assim como no interior, em toda a década de 1950, tensões explodiram na capital com movimentos antagônicos: de um lado conservadores e elitistas como das senhoras ligadas à Igreja e a instituições de caridade e obras assistenciais, e de outro donas de casa que lutaram contra o preço da carne, movimento ao qual se agregaram sindicatos, centros acadêmicos, partidos políticos, e ainda a chamada Guerra do Pente, envolvendo comerciantes imigrantes no centro da cidade.

Mas para a elite dominante momentos de crise poderiam ser solucionados revendo-se os projetos de remodelação para a cidade, e os anos subsequentes marcaram esse tipo de preocupação com a criação de novo Plano Diretor de Urbanismo, em substituição ao plano conhecido como Plano Agache, da década de 1940, somente em parte aplicado e já considerado obsoleto. Discutiam-se implantações de festejadas

concepções urbanísticas, enquanto esgotavam-se as fronteiras agrícolas do estado, alterava-se a política econômica e aumentava o êxodo rural em direção à capital.

O Plano Diretor de Curitiba efetivamente tornou-se realidade a partir dos anos setenta, especialmente na primeira gestão do arquiteto Jaime Lerner,(1971-1975), mas também nas subseqüentes de Saul Raiz, (1975-1979); e novamente Jaime Lerner (1979-1983), prefeitos biônicos, que incorporaram mudanças à proposta original para que fosse viabilizado. Jaime Lerner fazia parte do grupo de jovens arquitetos sediados no IPPUC e filiou-se à ARENA, para ser indicado prefeito de Curitiba, no momento do Milagre Brasileiro, e transformar a cidade em símbolo de um Brasil viável.

A implantação do Plano Diretor, marcou um novo momento na história urbanística de Curitiba substituindo o crescimento “natural”, ocorrido até meados da década de 1960. A viabilização de um novo modelo de crescimento abandonava a formação concêntrica adquirida naturalmente e propunha a construção de vias estruturais, prioritárias e conectoras , com a concentração de oferta adequada de transporte coletivo, além da revisão da legislação concernente ao zoneamento e uso do solo, privilegiando-se o transporte coletivo.

Este além da conservação de seu caráter de zona comercial e de serviços teve suas principais ruas interditadas ao tráfego de veículos, com o fechamento da rua XV de Novembro, em apenas 48 horas, durante um final de semana. O fechamento da principal artéria da cidade representou o ponto de partida para a pedestrianização do centro , seguindo a concepção de que a cidade deveria ser feita para o homem e não para o automóvel. As pessoas deveriam habituar-se a fazer suas compras e freqüentar o centro a pé, chegando até ele através do transporte coletivo, e a usar bicicletas, nas ciclovias que a circundavam.

Importante ressaltar que todas essas reformas do sistema viário e transporte, revitalização do centro, criação de equipamentos sócio culturais,(Opera de Arame, Pedreira Paulo Leminski, Teatro Paiol, Jardim Botânico); ambientais(Parques e Praças) e mesmo econômicos (Cidade Industrial e Linhão do Emprego) não se fizeram sem críticas ou resistências.¹

¹ Dentre os exemplos de críticas destaca-se a poesia de Dalton Trevisan, em especial “Curitiba Revisitada”, TREVISAN, D. *Em Busca da Curitiba Perdida*. São Paulo: Record, 1992 que assim inicia:
Que FIM ó cara você deu à minha cidade
a outra sem casas demais sem carros demais sem gente demais
ó Senhor sem chatos demais.

Mas uma eficiente campanha de *citymarketing* transformou a Cidade Sorriso, em Cidade Ecológica, Cidade Modelo, Capital de Primeiro Mundo ou como diz Fernanda Sanchez “Cidade Espetáculo”. (SANCHES GARCIA,1997)., desconsiderando o intenso crescimento populacional que atraiu, cerca de 70% das migrações na década de 1970, que veio acompanhado de pobreza, favelização, aumento de violência.

No entanto para a sociedade curitibana estas transformações significavam sair da sua letargia provinciana e penetrar no primeiro mundo pela porta da frente. Nesta nova cidade, modelo, espetáculo, novos códigos de comportamento foram estabelecidos, novas normas sociais determinadas, ancoradas num planejamento social excludente, que expulsava migrantes mais pobres ou menos qualificados não somente para as favelas que aumentavam no entorno da cidade, mas também para as cidades periféricas que viriam formar a região metropolitana

Neste cenário que se construiu ao longo de século XX, e que modificou as feições urbanas da cidade , e cuja sociedade sempre esteve ligada à manutenção da ordem e da disciplina em nome de um caminho seguro para a modernidade, outras histórias podem ser desveladas. São histórias de personagens, imigrantes/migrantes que por seu comportamento eram vistos, compassivamente, mas não isentos de preconceito, como excêntricos, folclóricos, típicos de pequenos centros, ou como transgressores da moral, vagabundos, desviantes da civilização.

Algumas destas personagens que viveram na cidade, em diversos momentos do século XX, tiveram seus comportamentos, ações, falas registradas pela imprensa, pelas autoridades policiais ou por crônicas de costumes, o que permite acompanhar suas trajetórias. Dentre tantos ressaltam-se as figuras de Simão Bialê, Maria Ballão, Maria do Cavaquinho, Gilda.

Simão Bialê, descendente de franceses argelinos aportados na cidade, era o típico boêmio da virada do século XIX para o XX, tipo popularíssimo, exímio tocador de gaita. que aparentemente tranqüilo transformava-se em uma fera indócil depois de beber umas e outras. Consta que nestas ocasiões “apenas a raquítica senhora sua mãe, Dona Chica Chapeleira” conseguia o que um destacamento inteiro da milícia tentava, ou seja, acalmá-lo. Por esse comportamento foi hospede recordista da estatística policial e das notícias da imprensa, como turbulento, ébrio, desordeiro, baderneiro; apenas em 1903, foram registradas nove prisões do “incorrigível” Bialê por desordens, embriaguez,

alarido, entre os meses de abril a dezembro. Morreu em 1913, num domingo de carnaval, enquanto Curitiba corria atrás do Zé Pereira. Os boêmios se entristeceram, mas na mesma noite houve seresta em sua homenagem.(BONI,1998. p106)

Maria Ballão, negra vinda provavelmente do litoral, viveu em Curitiba entre os anos 1920 e 1930 e ficou registrada como excêntrica, exótica, bêbada, mendiga, pitoresca, diferente. Afrontava a moralidade pública circulando pelo centro da cidade no *footing* domingueiro, fazendo comentários picarescos de “typos normaes”, banhando-se no repuxo da recém remodelada Praça Osório, ou mesmo fugindo do calor, “ficando em trajes de Eva” em plena via pública. Foi presa inúmeras vezes, por desordem e embriagues, e chegou a ser condenada a um ano de prisão, por embriagues habitual.(DIARIO DA TARDE,1927; GAZETA DO POVO,1930)

Maria do Cavaquinho, migrante vinda do interior, circulou pela cidade entre os anos 1950 a 1980 como presença marcante. Era baixinha, temida, irreverente e ousada. Vestia-se de roupas coloridas, carregava sempre um cavaquinho, daí o apelido, e gostava de imiscuir-se nos desfiles de trotes de calouros da universidade, comuns à época. Vivia de gorjetas, tinha altos e baixos, à vezes dócil, outras insolente, defendendo-se com seu instrumento musical à guisa de porrete. Escandalizou muitas vezes a população que circulava pelo centro da cidade ao agarrar os órgãos sexuais de políticos, figurões ou simples transeuntes. Foi internada em asilos por diversas vezes, substituiu seu cavaquinho pelo rádio de pilha, e nos últimos anos de sua vida trocou Curitiba pela Lapa, onde foi acolhida pelas irmãs de caridade e pelo povo lapeano. Morreu bastante idosa, em 1999.(GAZETA DO POVO, 1989; HOERNER JR, 2002.p 177/178)

Enquanto Maria do Cavaquinho seguia praticando suas brincadeiras, segundo alguns de gosto duvidoso, surgiu em Curitiba uma nova personagem compondo a galeria de “estrangeiros” excêntricos, folclóricos, loucos. Chamava-se Rubens Aparecido Rinke, migrou de Ivaiporã, norte do Paraná, em 1971, mas ficou conhecido e ainda faz parte do imaginário de muitos curitibanos como “Gilda”. Foi execrado por muitos, mas para outros era a “alegria da XV”. De temperamento forte e franco vestia-se de mulher e sua sobrevivência nas ruas dava-se às custas de pequenas chantagens, as quais praticava com muita irreverência. “Uma moeda ou um beijo” era seu mote de aproximação, constringendo o cidadão abordado, diante dos transeuntes que paravam

para aguardar o desfecho da situação Também usava o subterfúgio de a mando de alguém, amigo ou inimigo do cidadão desatento, aplicar-lhe um sonoro beijo; o que lhe resultou em inúmeras corridas para fugir da sanha de suas vítimas. Gostava de dançar defronte lojas de discos, divertindo as pessoas que por ali passavam. Quando vestido de mulher e simulava um *streeptease*, choviam moedas atiradas pelos estudantes e transeuntes que a assistiam. Adorava um fotógrafo e sempre que podia exibia-se para suas lentes. Assim viveu livremente perambulando, divertindo-se, dançando nos minguaos carnavais de Curitiba, mas que eram sua grande paixão, por alguns anos, até sua morte em 1983. (BONI, 2010)

Estas personagens tem em comum o não pertencimento à sociedade tradicional, o serem “estrangeiros”, o “outro”. E diferentemente do símbolo do perfil do novo homem paranaense cantado por Wilson Martins

O símbolo perfeito do homem paranaense é nesse particular, aquele alfaiate Antonio Pospissil, que a 8 de março de 1863, deixava sua cidade natal de Romërstadt, burgo austríaco, solidamente arraigado em terra firme, para a grande aventura transatlântica que o traria a Curitiba (MARTINS, 1955. p.9)

Faziam parte daquela malta não afeita ao trabalho, não morigerada, aventureira, desordeira, doente, preguiçosa; representavam o outro, o não esperado, que não se conformavam às regras da sociedade receptora. Não se vincularam a regras disciplinadoras mas às suas próprias, naquilo que Foucault denomina estética da existência, ou uma maneira de viver na qual o valor moral não provem da conformidade com um código de comportamentos nem de um trabalho de purificação, mas de certos princípios formais e gerais no uso dos prazeres, na distribuição que se faz deles, nos limites que se observa na hierarquia que se respeita. (FOUCAULT, 1984)

Segundo o autor, analisar estas trajetórias nesta perspectiva, pressupõe ter em mente uma resignificação do conceito de moral que ele entende de dois modos: o primeiro como um conjunto de valores e regras que são propostos aos indivíduos e aos grupos, de maneira mais ou menos explícita, por diferentes aparatos prescritivos (a família, as instituições educativas, as igrejas, etc), o segundo como os comportamentos morais dos indivíduos na medida em que se adequam ou não às regras que lhe são impostas, ou seja, um código moral é uma moralidade de comportamentos.

Entender essas trajetórias significa enfim entender a maneira como os indivíduos se subjetivam, ou seja, como praticam a constituição de si mesmos como sujeito moral. Ou, nas palavras de Foucault, buscar aquelas tecnologias que

permitem que os indivíduos efetuem, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo numero de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta ou qualquer forma de ser, obtendo, assim, uma transformação de si mesmos, com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria e imortalidade. (FOUCAULT, 1991p.48)

Enfim, acompanhar essas personagens permite diversas miradas não apenas para suas figuras, mas também para a sociedade na qual viviam, na busca de entender a própria cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALHANA, A.P. et al. *História do Paraná*. (v.1). Curitiba: Grafipar, 1969.
- BONI, M.I.M. *O espetáculo visto do alto: vigilância e punição em Curitiba. (1890-1920)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- BONI, M.I.M. Gilda e a arte da existência. REVISTA AULAS. *Dossiê Foucault e as Estéticas da Existência*. Org. Margareth Rago. Campinas: UNICAMP. No 7, 2010. www.unicamp.br/~aulas.
- DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 21 nov. 1927, p.2
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade 2. O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984.
- FOUCAULT, M. *Tecnologias del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1991
- GAZETA DO POVO. Curitiba, 13 jun. 1930, p1
- GAZETA DO POVO. Curitiba, 16 abr. 1989, p.3
- HOERNER JR, V. *Ruas e histórias de Curitiba*. Curitiba: Artes & Textos. 2002
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censos Demográficos e Econômicos. Rio de Janeiro: 1950 e 1960.
- MARTINS, W. *Um Brasil diferente; ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. São Paulo: Anhembi, 1951
- NADALIN, S.O. *Paraná: ocupação do território, população e migrações*. Curitiba: SEED, 2001

PADIS,P.C. *Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná*. São Paulo/Curitiba: Secretaria da Cultura e do esporte do Governo do Estado do Paraná, 1981

SANCHEZ GARCIA, F. *Cidade espetáculo, política, planejamento e city marketing*. Curitiba: Palavra, 1997.

SWAIN,T.N. Fronteiras do Paraná: da colonização `migração. In: ALBERTIN,C. *Fronteiras*. Brasília/Paris: Ed UNB/ORSTOM,1988

SZVARÇA,D.R.;CIDADE,M.L. 1955: O voto verde em Curitiba.HISTÓRIA: Questões & Debates, Curitiba: a.10,n.18/19, jun-dez 1989

TOMAZI,N.D. Norte do Paraná: história e fantasmagorias. Curitiba: Aos quatro Ventos, 2001

TREVISAN,D.. *Em Busca da Curitiba perdida*. São Paulo: Record, 1992

WACHOWICZ,R.C. *Paraná, sudoeste: ocupação e colonização*. Curitiba:Lítero-Técnica, 1985